



## A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NO BRASIL

ADÍSIA SÁ

O tema proposto é, sem dúvida, interessante e requer, por isto mesmo, algumas colocações preliminares. Falar-se em "pesquisa em Comunicação no Brasil" pressupõe, antes de mais nada, uma realidade.

### REALIDADE

#### a) *Ausência de pesquisa sistemática na área da Comunicação*

Parece-me inexistente pesquisa em Comunicação no Brasil. Digo melhor, não temos pesquisa sistemática na área de Comunicação. Sabemos de trabalhos de núcleos isolados, como o da Universidade de Brasília (1) e de alguns professores. (2) Em termos sistemáticos, entretanto, há uma ausência sensível.

Não é isto, todavia, o que afirma o prof. José Salomão David Amorim: "O Brasil é, na América Latina, um dos países em que as pesquisas em Comunicação apresentam maior desenvolvimento." (3)

A afirmativa do prof. Amorim encontra apoio no levantamento feito pelo CIESPAL, segundo o qual o Brasil tem tão expressivo número de pesquisa: cerca de 600 trabalhos.

Desconheço o levantamento feito pelo CIESPAL. Isto prova que neste campo, como noutros, os estrangeiros sabem mais da realidade brasileira do que nós, os nativos. Acredito que o prof. Amorim conhece muito bem o documento do Ciespal, mas não dissecou no trabalho publicado na Revista da ABEPEC.

A minha ignorância, neste campo como noutros — mas que não vem ao caso, no momento, é calamitosa. Desconheço, inclusive, siglas de instituições brasileiras voltadas para a pesquisa em comunicação.

b) *Ausência de um sistema integrado:*

Mesmo esses núcleos e pessoas não mantêm intercâmbio entre si, nem com possíveis interessados e que certamente estão nas Universidades. Como eu.

No meu entender há carência de articulação, de intercâmbio entre pesquisadores e núcleos.

Uma das conclusões do encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizado em Brasília, foi justamente nesta tônica: não há intercâmbio entre pesquisadores brasileiros.

Sem intercâmbio, sem articulação de pessoas e núcleos não se pode falar em processo. Não se tem condições, inclusive, de acionar essas pessoas e núcleos, quando necessário. Mesmo as grandes preocupações nossas, nesse campo, nascem, crescem e morrem nelas mesmas. Em nós.

E nós temos consciência de que “as atividades de pesquisa devem ter uma destinação social e econômica, para que se tornem instrumentos efetivos de impulsionamento do processo de modernização da sociedade e da transformação econômico-social do País e da região.” (4)

Ignoramos como se faz a formação dos pesquisadores em Comunicação no Brasil, para que nela nos espelhemos. (5) E o “pesquisador, sabemos todos, é o instrumento e o móvel de todo o processo da criação científica.” (6)

c) *O problema da pesquisa nas Universidades*

Pesquisa significa, não apenas projetos e/ou recursos humanos (formação de pesquisadores e de docentes qualificados). Pesquisa representa também (ou principalmente) recursos financeiros.

Não será exagero dizer-se que só recentemente, a partir de 1974/1975, o Governo passou realmente a preocupar-se com a pesquisa no Brasil, seja quanto à formação de pessoal, seja quanto à distribuição de recursos financeiros. (7) Até então os financiamentos aconteciam aleatoriamente, com grande diversidade de fontes e formas. Quase sempre agências financiadoras, nacionais e estrangeiras, passavam também a se incumbir da formação do pessoal, dando prioridade a certas áreas, em detrimento de outras, como a de Comunicação. (8)

Constatava-se, então, a inexistência de recursos orçamentários alocados para esse fim e as pesquisas estavam sendo desenvolvidas

em função de convênios. Os contrastes foram se avolumando a tal ponto, que as Universidades inflaram em algumas áreas e se esvaziaram noutras, como é o nosso caso.

Os resultados, desfavoráveis, não apenas nos angustiaram, como levaram o Governo a tentar equacionar o problema. As Universidades agora passam a se voltar para o assunto, traçando seus planos, como é o caso da Federal do Ceará. (9)

Mais uma vez deixo de citar outros exemplos à falta de informações. De intercâmbio.

## PROJEÇÃO

Mas, não fiquemos apenas na visão da realidade. Também se faz necessária uma perspectiva em termos de futuro. Uma projeção.

### a) *Uma política de Comunicação no Brasil*

Acho que chegou a vez de uma tomada de posição quanto a uma política de Comunicação no Brasil, em relação à pesquisa.

O trabalho isolado de pesquisadores e de núcleos de pesquisa precisa assumir dimensões maiores, envolver mais participantes. Isto significa que se faz necessário evitar-se, sem se tirar a liberdade do pesquisador e a autonomia dos núcleos de pesquisa, o paralelismo nas pesquisas. E a estratégia a seguir seria justamente a de estimular-se a criação de centros ou núcleos de pesquisa nas Universidades ou em instituições isoladas: manter-se intercâmbio com os pesquisadores espalhados no País; estimular-se a criação de curso de pós-graduação no Nordeste, digamos, no Recife, para cobrir o Ceará, Rio Grande do Norte, Maranhão, Amazonas; "incentivar-se a descoberta de novas vocações para a Pesquisa através do Programa de Iniciação Científica destinado a alunos de graduação." (10)

Quando eu sugiro a criação de um curso de pós-graduação em Comunicação no Nordeste, estou pensando nos professores que têm que se deslocar para os três centros — Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, ou para o exterior em busca de um MS ou PhD, quando poderiam ser beneficiados com um curso mais próximo de suas cidades. Quando eu penso em curso de pós-graduação em Comunicação no Nordeste, estou voltada também para o tipo de curso. Acho muito bonito quem tem MS e PhD (eu sou simplesmente licenciada em Filosofia Pura) e creio no papel social do pós-graduado. Mas em termos de Comunicação eu não vejo porque não se pensar em pós-graduação naquilo em que o professor vai atuar — Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda etc.

Mas, prossigamos.

Eu chego a pensar no estabelecimento de linhas básicas, de conhecimento dos pesquisadores e núcleos de pesquisa, para que o processo aconteça racionalmente. Assim — núcleos e pesquisadores

dê Universidades diferentes colaborando, participando do mesmo projeto.

Mas, eu não estou aqui para definir posições. Meu propósito é refletir com todos um problema que nos diz respeito de perto. Que é nosso. Cada um tem as suas sugestões.

Chêgo também a pensar no que eu já falei — intercâmbio ou seja, maior articulação entre pesquisadores e núcleos.

Não vejo porque não pensemos num cadastramento das pesquisas realizadas ou em andamento. No Ceará, por exemplo, estamos, no Curso de Comunicação, com dois projetos. (11)

Penso que um levantamento das grandes linhas de pesquisa seria altamente benéfico a todos nós que trabalhamos na área. E vou além quando chego a pensar numa distribuição de subtemas com pessoas ou núcleos interessados. Não nos custa, também, pensar num levantamento das fontes de recurso (Governo, iniciativa privada, outros países) (12).

#### b) *Papel da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação*

A ABEPEC cabe papel preponderante no processo. O que lanço conta, em linhas gerais, dos seus Estatutos. Muitas sugestões aqui e agora apresentadas poderão ser incluídas em seus objetivos.

A ABEPEC seria o pólo catalisador do processo de pesquisa, o centro de atração de todos nós, inclusive o projetista de uma política de pesquisa em Comunicação no Brasil.

Se bem que cada um de nós possa trabalhar junto à sua instituição, visando a u'a melhor posição de pesquisa em Comunicação em seus quadros gerais, quer de formação ou aperfeiçoamento de docentes, quer nos seus recursos orçamentários, deve a ABEPEC levar à frente:

- cadastramento de pesquisa;
- entrosamento dos pesquisadores e núcleos de pesquisa;
- divulgação das pesquisas realizadas;
- criação de curso de pós-graduação no Nordeste;
- realização de cursos de aperfeiçoamento para docentes, mobilizando equipe volante e/ou equipe própria acrescida, nos Estados, de professores locais.

Volto a afirmar — o tema é interessante e, como ponto de reflexão, profundamente gratificante. Pelo menos para mim o foi. E muito.

(\*) Comunicação feita no III Congresso Brasileiro de Ensino e Pesquisa da Comunicação, em Caxias do Sul, RGS, no dia 22.7.76.

## NOTAS E CITAÇÕES

- 1 — A Universidade de Brasília (Departamento de Comunicação) que estava voltada mais para o ensino do que para a pesquisa, a partir de 1970 tomou novo rumo. Realizou o Departamento pesquisa entre contribuintes de impostos no Distrito Federal sobre hábitos de leitura, opiniões e atitudes do público de jornais do DF, de audiência de TV no DF, entre outras. (Publicação do Departamento de Comunicação, novembro, 1972).
- 2 — José Marques de Melo — Comunicação Social: Teoria e Pesquisa. Editora Vozes.
- 3 — Salomão David Amorim — “A Pesquisa em Comunicação”, in *Rev. da ABEPEC*, vol. número 2, 1976.
- 4 — Projeto Nordeste de Pós-Graduação, UFC.
- 5 — A nível de pós-graduação temos os cursos de Brasília (Comunicação para o desenvolvimento), do Rio de Janeiro (Sistemas de Comunicação, Sistemas de Significação, Informática e Cibernética) e de São Paulo (USP).

Em termos de graduação, considero deficitária a formação em pesquisa. O mínimo emanado da portaria 11/69 é pobre neste campo, embora tenha como objetivo formar o pesquisador. Além do mais os professores dos cursos de comunicação, a grosso modo, não têm tradição de pesquisa, muitos deles saídos das salas de redação para as de aula. Nem estou muito esperançosa em relação ao currículo mínimo de Comunicação, cujas linhas básicas foram apresentadas pela ABEPEC ao Conselho Federal de Educação. Explico: a proposta da ABEPEC foi calçada na portaria 11/69. Isto é: baseou-se justamente naquilo que é contestado. Não se apresentou algo novo. Adaptou-se. Posso parecer severa, mas afirmo, ainda estamos vagando em termos de graduação em Comunicação, justamente porque não sabemos ainda que tipo de graduando queremos formar... Talvez, quem sabe, por este motivo, os custos de pós-graduação sejam tão requintados em seus campos.

- 6 — Projeto Nordeste de Pós-Graduação, UFC.
- 7 — I Plano Nacional de Pós-Graduação, MEC, Conselho Nacional de Pós-Graduação, Brasília, 1975.
- 8 — Idem.

Em termos de pós-graduação dou como exemplo o Ceará: “Do total de docentes em treinamento pós-graduado, 66% pertencem à área de ciências fundamentais, com destaque para o Centro de Ciências, com 60% e 34% para a área de ciências aplicadas, com destaque para dois centros: de Ciências Agrárias e de Estudos Sociais Aplicados, com 16% e 14%, respectivamente” (Projeto Nordeste de Pós-Graduação, UDF).

A área de ciências fundamentais abrange os centros de Ciências e de Humanidades e a de ciências aplicadas os Centros de Tecnologia, Ciências Agrárias, Ciências da Saúde e Estudos Sociais Aplicados.

Outro ponto a ser considerado, quanto à pós-graduação, à especialização e ao aperfeiçoamento, geralmente acontece “por iniciativa própria dos docentes, às vezes sem conhecimento das Universidades ou mesmo dos Departamentos. A condição de bolsistas dava-lhes, nesses casos, a garantia de uma autorização *a posteriori* para o afastamento e a realização dos seus estudos, sem que, nas diversas fases que ante-

cediam esse momento, intervisse a instituição, ajuizada a conveniência ou a necessidade do tipo de treinamento desejado." (Projeto Nordeste de Pós-Graduação, UFC).

- 9 — I Plano Nacional de Pós-Graduação.
- 10 — Idem.
- 11 — Os projetos, "Formação e expressão da opinião pública nos diversos campos em que se diversifica a Comunicação" (avaliação dos efeitos das mensagens governamentais junto à opinião pública", e "Comunicação e Filosofia" (estudo sobre a problemática da comunicação e incomunicabilidade humana à luz de uma pesquisa bibliográfica, desde os clássicos da Filosofia aos teóricos da Comunicação de nossos dias).
- 12 — CNPq, CAPES. Dependendo da pesquisa em si, é possível acionar Câmara e Senado, Ministérios etc. Considero também importante o levantamento de fontes financiadoras, à semelhança do que fez Brasília (Departamento de Comunicação), em 1972.